

Gravação: legendagem_cleo

Duração do Áudio: 00:57:14.03

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Oradora A	Cleonice
Oradora B	Ana Cecília
Oradora C	Não identificada
Oradora D	Ana Maria Machado
Orador E	Zuenir Ventura
Oradora F	Adriana Calcanhoto
Oradora G	Maria Bethânia
Orador H	Não identificado
Oradora I	Não identificada
Oradora J	Não identificada

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000
 CNPJ: 23.923.180/0001-89
 contato@transcritoja.com
 21 3942-6699

Oradora K	Não identificada
Orador L	Não identificado
Orador M	Não identificado
Orador N	Não identificado

Oradora A: As pessoas não entendem muito bem se tem uma dor que é a dor que deveras sente, ele não precisa fingir, mas ele finge. E os que leem o que escreve, na dor lida ainda sentem uma terceira que não é nem as duas que ele teve, quer dizer, ele teve uma fingida e uma verdadeira, mas é porque fingida ele usa aqui no sentido etimológico latino. O verbo *fingere* em latim significa esculpir, isto é, faz uma obra de arte.

Oradora B: Esse aqui é a capa, vou trazer um print da capa, quarta capa pra gente opinar.

Oradora A: Tá.

Oradora B: Dona Cléo, ó, olhar...

Oradora A: Olha... É melhor botar os pequeninhos. Com olhinho de coruja meu [inint] [00:02:12.07].

Oradora B: Já tá com um mapa ainda tá em baixa resolução, mas pra gente ver o layout... Na verdade esse é o mapa do século, do século dezesseis...

Oradora A: Ah é? ãhn.

Oradora B: Que você tem então na verdade a América e África, quer dizer, na verdade esse caminho né...

Oradora A: É, que será percorrido...

Oradora B: Exatamente... Que vai ficar melhor, porque obviamente a gente usou ainda em baixa resolução que aí a gente aprovando, a gente vai comprar a imagem, vai ficar obviamente vai crescer a imagem.

Oradora A: Sim.

Oradora B: E aí eu acho importante a gente pontuar que é edição preparada a partir por exemplo, corrigido a mão pelo poeta, porque eu acho que esse é o diferencial...

Oradora C: Exatamente.

Oradora B: De conseguir ter tido acesso a esse, enfim, a esse arquivo, a esses documentos.

Oradora A: [inint] [00:02:58.26] exemplar...

Oradora B: Corrigido a mão...

Oradora A: Pelo poeta. Eu acho que tá perfeito.

Oradora B: Gostou?

Oradora A: [inint] [00:03:04.13] fundamental.

Oradora B: É?

Oradora C: Exatamente. E isso aqui, dona Cléo, olha...

Oradora A: Eu fiz o meu curso de Letras em São Paulo, na USP, mas vejam bem, era uma USP que começava. Eu entrei para a faculdade em mil, novecentos e trinta e seis, e tenho quase certeza de que ela começou a funcionar em mil, novecentos e trinta e quatro. Tivemos um professor português extraordinário, que eu digo sempre que os outros foram mestres, ele foi o meu mestre em caixa alta. Fidelino de Figueiredo. Eu continuo a ter por ele a mesma atração, quer dizer, sentir essa atração daquele homem culto e ao mesmo tempo muito simples. Quer dizer, ele tinha, ele era, já era notável naquele tempo e muito conhecido, muito viajado; e perseguido por Salazar, o que aos nossos olhos, engrandecia a figura política de Fidelino de Figueiredo sempre, e justamente por isso, ele viajou muito porque ele andava sempre banido, exilado de Portugal. Nós somos uma geração privilegiada. Nós, de fato, tivemos alguns dos expoentes da cultura daquele tempo dentro da nossa sala de aula, como Levi Strauss, como Mombeig, como Roger Bastide, quer dizer estes, e naturalmente, Giuseppe Ungaretti, Fidelino de Figueiredo.

Oradora D: Eu fui aluna dela nos primeiros anos da década de sessenta. E a minha turma foi a última turma de Letras Neolatinas. Ahn, neolatinas quer dizer que nós estudávamos latim, português, espanhol, francês, italiano, com as respectivas literaturas. E a sala onde se tinha aula de literatura portuguesa que a Cleonice dava, era uma sala enorme, porque reunia alunos dos cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo germânicas. Então era um anfiteatro onde antes dos juízes se reuniam, ficava um palquinho e era levemente inclinado antes de começar os alunos, era uma coisa assim que se o professor pusesse um giz em cima da escrivadinha dele, o giz rolava, rolava, descia e caía lá embaixo. Então, era uma brincadeira dos alunos ficar esperando pra ver o que que ia acontecer, como ele ia reagir. E a Cleonice tinha um domínio dessa situação, que era improvisada ali, um domínio perfeito, ela jamais colocou um giz em cima de uma mesa pra rodar. Ela punha no reguinho junto do quadro negro pra ele não cair. Quer dizer, essa noção de espaço total que ela tinha e com essa turma enorme.

Orador E: O que eu acho que eu mais aprendi com a, com a... Ela nem gosta que fale professora nem de dona Cléo (-Risos). O que eu mais aprendi com a Cléo foi que a cultura, o saber, erudição podem ser agradáveis, podem ser, sabe, é, é, interessantes né, e... E bonita né, porque a Cleonice era e como é agora, imagina a Cleonice sessenta anos atrás. Ela hoje, eu continuo achando ela linda né, imagina com sessenta anos menos então. Então é uma paixão, é uma paixão dos meninos né, dos alunos como eu, como o Domisso,

presidente aqui da academia, e dos professores também, quer dizer, era um timaço de acadetráticos como se dizia antigamente. É Manoel Bandeira, é Alceu Amoroso Lima, Zé Carlos Lisboa, Thiers Martins Moreira. Era realmente um timaço, e ela era, quer dizer, ela pontificava no meio de todas essas sumidades e tal. E essa, esse papel dela como pioneira né da presença, quer dizer, da mulher né, de uma intelectual, de uma professora, isso é realmente admirável, mas pra ela é uma muito natural né. Se disser pra ela, se eu disser pra ela que eu acho que ela foi uma pioneira, que você acha que ela foi uma pioneira ela vai rir, vai fazer uma graça com isso, tal. Mas realmente foi, essa é uma das características mais admiráveis né da personalidade dela. Tem um episódio que eu acho muito curioso que eu tava em Portugal, em Lisboa alguns anos atrás, e aí quando eu disse que era aluno né, que eu não digo que fui ex-aluno, era aluno, era uma roda de professores de língua portuguesa, e... E aí quando eu disse que era aluno da Cléo, me deram os parabéns, "mas o senhor tem um privilégio, agora esse patrimônio não é só vosso, é também não só do Brasil, é também nosso". A Cléo é conhecida em Portugal, é respeitada em Portugal, porque ela tem essa dimensão né, ela tem essa grandeza né. E aí não é por uma questão de gênero, sabe, não é por cota, porque ela é uma grande intelectual, é uma das maiores intelectuais que o Brasil e Portugal tenha né. Ela é tida assim como uma expressão fundamental, importante da língua portuguesa né.

Oradora C: Eu sei que de um modo geral, a... A profissão de professora era bastante aceita pra mulher, mas sobretudo, professora primária, professorinha né. Aquela que podia ser chamada de tia. Quer dizer, reconhecer como a doutora, sempre foi muito mais difícil. A Cleonice sempre foi uma professora notável, uma professora inesquecível. Acho que a primeira coisa muito impressionante era a voz né, a enunciação dela, a maneira de dar aula, a clareza... Além disso, acho que havia um elemento de generosidade também, pensando agora. A sempre disposta a explicar de novo, a explicar melhor, a encontrar depois da aula se fosse o caso pra tirar um dúvida... Há uma coisa que eu sei que ela fez com várias das minhas colegas, quando foram fazer concurso pro estado, precisavam de repente em cima da hora, na hora que era sorteado o ponto, que normalmente era véspera ou dois dias antes da prova, que tinham que fazer um, dar uma aula que ia servir de prova na hora do concurso, e várias me contaram que correram pra Cleonice nesse dia pra ver que que faz, que que aconselha, ela ajudava a preparar essa aula decisiva, quando ela já não era mais professora da gente há anos, quando não tinha mais nada disso. Acho que esse é um bom retrato da generosidade dela.

Orador E: Além né dessa bagagem que ela tem, ela tem um espírito teatral né, porque eu não conheço ninguém que declame melhor no poema como a Cléo né.

Oradora A: Dizem que finjo ou minto tudo que escrevo. Não. Eu simplesmente sinto com a imaginação. Não uso o coração. Tudo que sonho ou passo, o que me falha ou finda, é como que o terraço sobre outra coisa inda, essa coisa é que é linda. Por isso, escrevo ao meio do que não está ao pé, livre do meu enleio, sério do que não é. Sentir, sintam quem lê. Nós, alunos, fizemos uma representação de Molier no original, um teatro lindo em São Paulo, e o Jean [inint] [00:12:20.20] tavam lá assistindo no último espetáculo, me chamaram e me perguntaram se eu não queria ir pra Paris com eles. Bom, então aqui vocês veem uma atriz frustrada, mas nada arrependida da decisão que tomou ou que minha mãe tomou por mim. É mais certo isso. Eu estava tão tentada que se tivesse licença, eu tinha ido. Bom, mas enfim. Neste colégio Mary Sousa, encontrei este rapaz que era

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo
Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000
CNPJ: 23.923.180/0001-89
contato@transcritoja.com
21 3942-6699

um ator nato e que veio me contar que na faculdade, aí já era Faculdade Filosofia, Ciências e Letras do Rio, do Brasil, da Universidade do Brasil, havia um professor de literatura portuguesa que estava se preparando pra fazer um espetáculo de Gil Vicente. Então, foi este professor que um dia depois que estávamos bem amigos e pediu pra ir participar, não só eu fazia dois papéis, mas eu ajudava os colegas a entenderem, porque a língua é muito difícil, uma língua arcaica, ajudava a entenderem o texto. E então, o professor Thiers, depois que terminou tudo, me convidou a ir trabalhar com ele. Trabalhamos juntos muitos anos, muito bem, com uma perfeita consonância. Um dia, quando já estávamos bem amigos, ele chegou pra mim com um livrinho e disse, "o que é que você pensa de Fernando Pessoa?", eu disse "não penso nada, porque eu não sei quem é". Ele disse assim "Cleonice, uma falha na sua formação!", eu disse, "pera aí, professor, nós só fomos até Eça de Queiroz, eu não sei quem é". "Pois então isto é uma antologia muito boa, você vai levar, vai ler, depois vai conversar comigo". Foi amor à primeira vista. Eu acho que conversei com Thiers sobre Fernando Pessoa até o fim da vida dele. Ele me examinou quando eu fiz uma tese sobre Fernando Pessoa, a primeira que se fez no Brasil, a segunda que se fez no mundo, porque havia uma em Portugal. E aqui estou eu, às voltas com Fernando Pessoa, acabando de lançar uma antologia sobre ele. E eu gostaria de dizer que a antologia tem uma dedicatória. "A Thiers Martins Moreira, eternamente grata pelo mágico veneno que me inoculou ao pôr-me nas mãos pela primeira vez, os versos de Fernando Pessoa, deponho aqui minha homenagem". E assino.

Oradora F: Eu acho incrível, a Cléo fez o que quis, fez uma trajetória impecável né assim do ponto de vista da qualidade das coisas que ela fez, na integridade com que ela faz e fez tudo, a inteireza com que ela se deu para essa causa, com esse amor pela língua portuguesa, pela poesia portuguesa, pelos poetas... É... E é uma mulher naquela época, não é uma mulher nessa época, então certamente enfrentou dificuldades das quais ela não se queixa, jamais comentará, mas a gente há de saber que nem tudo eram só flores né, numa trajetória assim. Ativista sem militância, a Cléo não... Não prega, ela pratica, ela não prega a moderação, ela pratica. Ela, é... As conquistas dela foram coisas que ela... Imagine quantas janelas ela abriu pras mulheres sendo quem ela é, sendo quem sempre foi com essa posição íntegra, completamente ética. Eu acho que a maneira que ela lê poesia muda o mundo, muda tudo, porque ela lê um poeta com o qual ela lida há cinquenta e cinco anos dando aula sobre aquilo, sabe de cor. E de vez em quando ela vai dizer aquele poema e ela diz, e ela leva um susto como se ela tivesse lendo pela primeira vez, isso por quê? Porque ela está lendo pela primeira vez. Só isso o mundo já mudou. É assim, é isso...

Oradora A: O uso do cachimbo faz a boca torta e a coisa que eu mais gosto de fazer é dar aula. Imaginem bem, porque faz mais ou menos, bem mais de meio século que eu as dou. Então vamos falar de Mário de Sá Carneiro. Um grande poeta, um pobre menino infeliz. "Meu alvoroço de oiro e lua, tinha por fim que transbordar... Caiu-me a alma ao meio da rua e não a posso ir apanhar".

(-Aplausos)

Oradora F: (-Tocando violão e cantando) "Eu não sou eu, nem sou outro... Sou qualquer coisa de intermédio. E lá na ponte de tédio, que vai de mim para o outro. Ai, ai, ai... Ai, ai, ai, ai... Ai, ai, ai, ai... Aaaah".

(-Aplausos)

Oradora A: Só dá pena que seja tão pequenininho o poema, [inint] [00:19:00.22] eu ouço você mais tempo...

Oradora F: É, de uma maneira os poemas que eu escolhi pro musical, são esses que são cíclicos, que são curtinhas...

Oradora A: Sim, você pode repetir a música.

Oradora F: Que eu posso ficar repetindo.

Oradora A: Uhum.

Oradora F: São de alguma forma [inint] [00:19:15.19]. Mas eu já tenho uma encomenda, duas né? "Quase", e qual era a outra? Partida? São e as encomendas...

(- Risos)

Oradora F: Eu juntei dois músicos com quem eu trabalhava naquela época muito, que eu admiro muito, que é o Sá Xambaque e o Marcelo Costa e nós criamos uma, uma noite única que foi única mesmo, a gente nunca mais esqueceu aquilo assim, tamanha a magia daquele, daquela noite, daquele momento. Então eu fiquei com alguns poemas já musicados, aí no meu disco público, não me lembro de que ano, eu gravei o outro que na verdade é um poema chamado "sete", algarismo sete, originalmente no livro do Mário de Sá Carneiro, mas como canção era melhor que se chamasse "O Outro". E... E aí essa relação, quer dizer, depois disso não parei de me aprofundar na obra do Mário de Sá Carneiro, nas relações dele com os outros poetas do Orfeu, nas relações dele com os outros poetas anteriores a ele e muitas coisas assim. Então, é fatal que nos meus encontros com a Cléo, a gente fale de Mário de Sá Carneiro, não tem como não... Não, tem muitas coisas assim, passagens dela que são banais pra ela e que pra mim são aulas de filosofia. Ela chegou ao jantar à meia noite e... E tava sentada do meu lado, então veio uma senhora e descreveu pra ela bem baixinho tudo o que tinha pra comer, eram várias opções de coisas, "tem isso, tem aquilo, tem aquilo, não sei o que com não sei o que"... Ela ouviu pacientemente e respondeu que provavelmente ela responde para a vida né, ela disse "de tudo um pouquinho, e vinho". (- Risos). Falei "isso, é isso".

Oradora G: A professora Cleonice, dona Cléo como ela me pediu que passasse a chamá-la, me convidou para ler hoje na sua festa de lançamento do livro "Fernando Pessoa - Antologia Poética", alguns poemas. Eu, sinceramente, eu quase morri de emoção com esse convite. Professora, pra mim, é uma honra muito grande esse convite. Isso é muito grande pra mim, eu quero que a senhora compreenda e... Eu lhe agradeço, eu lhe agradeço com o meu coração comovidíssimo sua confiança, o seu carinho. Eu agradeço e o-be-deço. A senhora manda. Vamos lá.

(-Aplausos)

Oradora G: "Depois a máscara e vi-me ao espelho, era a criança de há quantos anos, não tinha mudado nada. Essa a vantagem de saber tirar a máscara, é-se sempre criança. O

passado que fica, a criança. Depois a máscara e tornei a pô-la. Assim é melhor, assim sou a máscara. E volto a normalidade, como a um terminus de linha". Coroai-me de rosas, coroi-me em verdade de rosas. Quero toda a vida feita desta hora breve. Coroai-me de rosas e de folhas de hera. E basta". Dona Cléo, queria convidá-la pra ler junto comigo. Pode ser?

(-Aplausos)

Oradora G: Vamos fazer?

Oradora A: Vamos lá.

Oradora G: Só que esse poema há algum tempo eu tenho, venho dizendo ele e até pedi pra que colocassem música. Então eu pensei em fazer um pedacinho e entregar pra ela...

Oradora A: Continuar. Mas olha, mas é meio desleal a proposta, porque ela, ela vai ler, vai dizer o primeiro quarteto, é todo em quartetos e redondilha maior, bem simples, aquela poesia de que Fernando Pessoa tem um conhecimento profundo. Esse quarteto ela vai cantar.

Oradora G: (-Cantando) Ó sino da minha aldeia, dolente na tarde calma. Cada sua badalada soa dentro de minha alma..."

Oradora A: "E é tão lento o teu soar, tão como triste da vida, que já a primeira pancada tem o som de repetida. Por mais que me tanjas perto quando passo, sempre errante, é para mim como um sonho. Soa-me na alma distante. A cada pancada tua vibrante no céu aberto, sinto mais longe o passado, sinto a saudade mais perto".

(-Aplausos)

Oradora B: Acho que muitos dos trabalhos de edição né dos livros da dona Cléo, é partem de estudos que a dona Cléo já fez em algum momento da vida dela. Então a gente tem, em cada edição a gente tenta não somente fazer uma reunião de poemas né, ou de cartas, desse material que é o material original de algum desses autores, mas também partir muito do que a dona Cléo pensou sobre esses autores. Em dois mil e doze, quando nós lançamos a antologia do Fernando Pessoa, tinha um poema né, na verdade um verso que... Que era um verso que já tava consolidado, uma leitura "como o vento preso ao mar", e nesse momento, aquilo ela resolveu voltar a essa história, achando que não fazia sentido dentro da interpretação que ela fazia né do poema. E ela voltou então nesse momento a pesquisa, procurou os originais datilografados e corrigidos a mão pelo Fernando Pessoa. Então ela descobriu que sim, a interpretação dela tava, estava correta, que aquela forma que estava mais consolidada não era correta e era "como o vento preso ao ar", e acho que essa experiência mostrou o quanto a obra, nesse caso do Fernando Pessoa, é um universo de descobertas inesgotáveis pra ela né. Quando eu conheci a dona Cléo, eu era diretoria de conteúdo da Casa do Saber, e a gente fazia todo semestre, no mínimo um curso ou dois cursos sobre o Fernando Pessoa, ou Mário de Sá Carneiro, ou sonetos portugueses... E eu me lembro que logo no começo, um dia ela me ligou, quando eu mandei o contrato pra ela assinar, o contrato das aulas, e ela me ligou falando que tava preocupada com o

contrato que tinha alguns erros. E aí ela pediu pra que eu abrisse junto com ela e ela foi explicar que tinha uma vírgula no lugar que tinha um ponto e vírgulas, tinha um ponto onde devia ser uma vírgula... E eu achei aquilo assim maravilhoso, porque depois quando a gente conti... Enfim, a gente terminou a correção, eu falei "nós temos um contrato corrigido, revisado pela dona Cleonice Berardinelli", isso mostra muito o cuidado que ela tem com a nossa língua né, então isso é tão... Acho tão nobre né, da parte dela.

Oradora A: "Fúria nas noites o vento, num grande som de alongar. Não há no meu pensamento senão não poder parar. Parece que a alma tem treva onde sopra a crescer uma loucura que vem de querer compreender. Raiva nas trevas, o vento sem se poder libertar. Estou preso ao meu pensamento como o vento preso ao ar". Eu escrevi a minha tese numa cidade do interior onde nós tínhamos uma granja que se chamava Letícia. E nesse lugar muito bonito, muito pacífico, eu não tinha telefone atrás de mim, nem aluno que viesse tomar, pedir explicações, nada disso. Eu ia sozinha com meu marido e ele me deixava trabalhar. Tinha esquecido completamente de levar mais papel e andei por dentro da casa e encontrei quase vazio o caderno das compras do armazém, como se dizia antigamente. O armazém onde se faziam as compras. Então eu peguei o caderno, tirei as folhas iniciais que tavam cheias de feijão, arroz e batatas, e deixei o espaço e comecei a escrever a tese sobre Fernando Pessoa. Os heterônimos são um desenvolvimento, digamos, um apuro pessoano na idade adulta, de uma tendência que ele tinha desde criança de se cercar de personagens imaginários. O Alberto Caeiro, por isso será possivelmente o primeiro que surge naquele surto criativo em que diz ele que estava de pé diante de uma cômoda alta e, subitamente, veio-lhe uma poesia e o poeta que a escreveu, e a poesia intitulava-se "O Guardador de Rebanhos". "Eu sou um guardador de rebanhos, o rebanho é os meus pensamentos, e os meus pensamentos são todos sensações". Como Fernando Pessoa era tão complexo, ele acabava contendo em si, como existia, todas as ideias do mundo, continha tudo. E então, aí, ele tem um Caeiro que é como ele diz, "pus em Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática". Quando ele acaba de criar aquele poeta que vem pra ele como uma irrupção poética, e sai com aquela quantidade de versos do "Guardador de Rebanhos", ele termina dizendo "nascera em mim o meu mestre". E então, se é mestre do Fernando Pessoa, se ele é mestre do ortônimo, será muito possivelmente mestre de todos os outros. Ricardo Reis usa métrica com toda a vontade de um verdadeiro técnico em métrica, mas não usa rima, porque ao tempo em que ele viveu, já que se diz que ele é um pagão da Renascença, ele imita Horácio ou Virgílio, nenhum deles usava rima. A rima é uma invenção da igreja para os hinos sacros. Os seus versos são consineirais, como eu gosto de dizer, isto é, eles dão conselhos, sempre dizem alguma ordem, há imperativos na sua poesia, nem sempre, mas muitas vezes. Por exemplo, ele diz "quer pouco, terás tudo. Quer nada, serás livre. Porque se não queres nada, se nada te falta, não és uma pessoa completamente livre". É muito, é pequenino, condensado, muito sintético mesmo e perfeito. Gosto muito desses poemitas. Álvaro de Campos é um poeta livre de preconceitos, livre de ensinamentos. Ele é dono do seu caminho, é curioso, Álvaro de Campos é forte, Álvaro de Campos escreve aquilo que ele quer escrever. E Álvaro de Campos é ao mesmo tempo aquele dos heterônimos em quem Fernando Pessoa confessa de livre e espontânea vontade, "pus em Álvaro de Campos, toda emoção que não dou nem a mim, nem a vida". Então eu digo um pouco a brincar, mas bastante a sério, que o Álvaro de Campos é o divã do Fernando Pessoa. A poesia de Fernando Pessoa, dele mesmo, assinada por ele é variada, tem muito, e tem naturalmente, tem tristeza, tem felicidade,

ainda há pouco aquele poema "eu era feliz, não sei. Fui o outrora agora". Quer dizer, e é um, uma coisa mais ou menos o que quer dizer outrora agora? Como é que eu posso ser outrora agora? Pode. No meu agora, o que eu penso do passado, daquela infância se eu era feliz, fui agora nesse momento eu me dou conta de que eu era feliz. Quer dizer, o meu passado eu trago para o presente e que eu posso garantir que estou sentindo felicidade do passado. É um lindíssimo poema. São dessas coisas ternas do Fernando Pessoa. Ele queria ser um autor dramático pleno, como Shakespeare foi e ele diz "eu nunca consegui fazer um drama em gente, faço os dramas em almas". Então é esse o que ele chama drama em alma é a criação de Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, né? E por aí afora, uma infinidade mais de cem heterônimos que aparecem à medida que se mexe naquele bendito espólio. "Ponho na altiva mente o fixo esforço da altura, e à sorte deixo, e às suas leis, o verso; que, quando é alto e régio o pensamento, súbdita a frase, o busca e o escravo ritmo o serve". Isso não é uma maravilha? É um dos poeminhas mais perfeitos do Fernando Pessoa.

Oradora D: Essa questão do poeta fingidor, pra mim, foi uma relação pessoal muito forte, porque meu avô era português, meus bisavós também e eu sempre ouvi contar que um de meus bisavós tinha sido fingidor. E eu não sabia o que era, eu, garota ouvia aquilo, achava que ele fingia, brincava de ser uma coisa que não era. E foi só lendo Fernando Pessoa explicado pela Cleonice que eu entendi a profissão dele, voltei em casa, conferi com os meus pais, e era, quer dizer, ele fingia, sei lá, em sancas ou em, pintando parede, coisas assim, ele fingia que a coisa era um papel de parede ou que era uma voluta qualquer de um enfeite de decoração, era isso que ele fazia, ele era um gesseiro, nós diríamos hoje, um operário disso. E quer dizer, e aí eu percebi o que era, graças a explicação que a Cleonice deu do fingidor, sendo que o fingidor de Fernando Pessoa é isso, mas também é aquele que finge, que faz de conta, alguma coisa que imagina dessas diversas camadas, são uma riqueza enorme que só uma grande professora transmite.

Oradora A: "Olá, guardador de rebanhos, aí à beira da estrada, que te diz o vento que passa? Que é vento, e que passa, que já passou antes e que passará depois. E a ti o que te diz? Muita coisa mais do que isso, fala-me de muitas outras coisas. De memórias e de saudades e de coisas que nunca foram. Nunca ouviste passar o vento. O vento só fala do vento. O que ouviste foi mentira e a mentira está em ti".

Orador E: Eduardo [inint] [00:40:26.06] tem uma frase muito boa também de que a Cleonice mesmo declamando um poeta, um poema ruim, o poema vira bom na boca de Cleonice né, porque ela tem isso né, então não só a magia da poesia em si, mas a magia dela declamando né, os poemas né. E com a memória prodigiosa, até irrita a, a, a... A memória né da Cléo, a memória dela realmente é insuportável... E é lindo né, porque ela é muito jovial, ela é uma... Com muito bom humor, acho que uma das marcas da Cléo é realmente o bom humor né. Por exemplo quando eu fiz, quando eu fiz oitenta anos, houve uma pequena homenagem pra mim e ela tava lá e tal, e depois no final ela fez questão de posar numa fotografia junto comigo de mãos dadas, e disse assim "vamos oficializar o nosso caso né", como que é né, uma forma de, de... Expor né essa nossa amizade né, mas ela faz disso sempre uma piadinha né, quer dizer, uma brincadeira. Então essa cena até ela acabou sendo fotografada e depois transformada numa escultura, a divina Cléo com pessoa de mãos dadas comigo...

Oradora D: Agora, há uma coisa muito interessante que a primeira vez que eu vim a academia, eu vim com a Cleonice. Quando eu estava no segundo ano, o Bandeira se aposentou e não dava mais aulas pra nós. E eu fiquei com muita pena de perder, de não ter aula com o Bandeira. E uma vez comentei isso com a Cleonice, ela disse "ah, mas cê tem vontade de conhecê-lo? Então vamos combinar isso". Então ela telefonou pra ele e combinou e fomos eu, ela e uma outra colega minha, Lúcia Quental, fomos visitar o Bandeira na casa dele, que era aqui na Glória. Fomos lá uma tarde, ficamos com ele, nós fomos com a Cleonice, ele nos recebeu e tomamos café com biscoito com ele, conversamos, foi enfim, foi extremamente simpático, foi um amor, eu fiquei emocionadíssima, que era assim um ídolo pra mim. E quando nós estávamos saindo, ele se desculpou de que o café era uma coisa tão pouca que ele tinha ali pra oferecer, se nós não queríamos vir com ele tomar chá na academia na próxima quinta-feira, e aí marcamos. E na quinta-feira seguinte a Cleonice nos trouxe junto com o Bandeira pra participarmos do chá dos acadêmicos. Foi a primeira vez que eu vim. Depois disso ó muitos anos depois. Mas eu nunca imaginava nem que eu ia ser escritora, nem que eu ia entrar pra academia um dia. Mas veio pela mão dela.

Oradora A: Chamava-se pega rapaz.

Orador H: É o famoso pega rapaz...

Oradora A: Mas eu não uso pega rapaz não.

Orador H: Não...

Oradora A: Nunca peguei rapaz nenhum.

Orador H: (- Risos)

Oradora A: Não, eu era tonta, começava a se enfurnar e eu começava a achar defeitos. Eu era de uma antipatia, eu deveria ser detestável.

(- Risos)

Orador H: Não tanto, não tanto, casamos, então não tanto.

Oradora A: Não, mas casamos, meu marido é que me dizia assim "pois é, se não fosse o italianinho teimoso, você ficava era solteirona".

Orador H: Olha, meu Deus do céu... (- Risos)

Oradora I: Vê que que a senhora acha.

Oradora A: Um pouquinho animado demais...

Oradora I: Não, não, tá ótimo, não mexe porque depois ele vai caindo um pouco.

Orador H: Não tem jeito [inint] [00:44:32.21].

Oradora I: Senão depois ele vai baixar, se baixar muito agora, daí ele baixa mais e daí...

Oradora A: Sim, senhora.

Oradora I: Fica muito... Muito discreto, discreto demais.

Oradora A: Sim, senhora. Que cada um tem a sua cadeira, a minha é número oito e eu adoro minha cadeira porque é dum poeta que eu amava, Alberto de Oliveira. E é uma história linda, porque eu conheci o Alberto de Oliveira num hotel em que nós estávamos em São Lourenço, nos tempos em que São Lourenço era uma cidade com toda, de barro ainda, e chega o burrinho puxando o carrinho e eu fui, mexeriqueira, fui pra perto pra ver se era ele mesmo. Não só a cara dele eu reconheci, mas eu olhei a mala dele, levantei, tinha uma etiqueta com o nome dele. Atravessei a sala toda pimpona, cheguei e disse "boa noite, doutor Alberto de Oliveira", ele disse "minha filhinha, quem lhe disse que eu sou Alberto de Oliveira?", eu disse "não adianta disfarçar, eu vi seu nome na etiqueta da mala, e eu conheço muito bem de fotografias". Ele achou uma graça enorme aquela cotoco de gente metida a conhecê-lo muito bem. Eu disse "olhe, eu vim aqui em nome do grupo que está do lado de lá, que é o nosso grupo de todos os dias e porque nós queremos que o senhor venha conversar conosco. Não vai ficar aqui sozinho de noite nessa escuridão". Ele disse, "mas um velho como eu já não tem graça nenhuma", eu disse "o senhor é que pensa, pra nós tem muita". Bom, ele veio, me deu o braço, segurou na mão e atravessou e fomos pra cá. Sentou-se conosco, todo mundo o cumprimentou, saudou e começou a conversa. Aí as meninas disseram assim "o senhor sabe que a Cléo sabe dizer poesias?", ele disse "é mesmo, Cleozinha?", eu disse "sei", ele disse, "mas sabe de cor?", eu disse "ah sei uma porção". Ele disse "quantos mais ou menos?", eu disse "não sei, mas por perto de cem". Ele disse "pois então agora eu quero ouvir você dizer". E fomos pra sala e eu comecei a, sem nenhuma cerimônia, abri a torneira. E toque de declamar. Escute, pegue aquilo ali pra ver se é solto.

Oradora C: É solto isso aí.

Oradora J: Não, tá preso.

Oradora A: Ah, tá preso. Eu tava com medo que eu ainda tivesse que prender esse negócio.

Oradora C: Ah tá...

Oradora A: É o quê?

Oradora K: Frutos do mar, frutos do mar...

Oradora C: E nada de sanduíche. (-Risos)

Oradora A: Hace frío, hace frío, mucho frío. Não sei de onde eu ensaio isso, é minha cabeça é um cofre de memórias. De vez em quando sai um poema...

Oradora C: Da caixa de histórias...

Oradora A: É, mas em geral, em verso. A minha memória tem uma retenção muito maior pra textos ritmados. Rimados e ritmados.

Orador L: Quer ajuda com as pernas?

Oradora A: A sandália vai... Bom, faz de conta que ninguém viu.

Orador L: Não tem problema... Tá aqui, tá?

Oradora A: Não enxergo o lugar, eu cubro.

Orador L: Pronto.

Oradora A: [inint] [00:49:13.07] aqui com o meu braço...

Orador L: Pode fechar a porta?

Oradora A: Pode.

Orador L: Com licença.

Orador M: Senhor presidente, os conselheiros dom Pedro II, desta corte [inint] [00:49:56.01] pela sua alta cultura jurídica...

Oradora A: Esta coleção branca o que é?

Orador N: Esta coleção branca é a coleção de livros que pertenceram a Machado de Assis.

Oradora A: Ah! Pertenceram a ele.

Orador N: É, textos de leitura de Machado.

Oradora A: Sim. Olhe, veja lá... Que coisa preciosa.

Orador N: É... E a senhora está agora de frente né, não na cadeira, mas especificamente diante da coleção de livros que pertenceu ao Alberto de Oliveira.

Oradora A: Ah!

Orador N: Que é a biblioteca do Alberto de Oliveira.

Oradora A: Meu, meu fundador.

Orador N: Isso.

Oradora A: Eu um dia tenho que fazer uma visita a ele.

Orador N: Sim, sim, sim. Olha, tem coisas assim fabulosas, fabulosas...

Oradora A: Eu o conheci eu tinha dez anos.

Orador N: Olha...

Oradora A: Dez anos. E nos encontramos. Ele ficou muito encantado comigo porque eu sabia versos e de cor. Eu disse a ele "amanhã nós estamos voltando pra casa", ele disse "é pra São Paulo que vocês vão?", eu disse "é, nós moramos lá". Ele disse "eu também amanhã estou indo pra São Paulo, você não vai me fazer uma visitinha lá?", eu disse "se mamãe me levar, vou". E lá fui eu pro Hotel Esplanada pra receber um livrinho. Onde ele, com a letrinha mais lindinha que se possa imaginar, pequenininha, redondinha, muito bonitinha, nada primária, mas, mas... Original na sua pequenez, na sua graciosidade tinha escrito o seguinte: "à Cléo, pouco te importe meu nome, não vale nada. E nada que é, se consome e apaga. Aqui vale apenas elevada a alma que deixa ajoelhada e a Deus rezando dizendo teu nome, reza por ti. Alberto de Oliveira". O amor é uma companhia, já não sei andar só pelos caminhos, porque já não posso andar só. Um pensamento visível faz-me andar mais depressa e ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo, mesmo ausência dela é uma coisa que está comigo. E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar; se a não vejo, imagino-a, e sou forte como as árvores altas. Mas se a vejo, tremo, não sei o que é feito, do que sinto na ausência dela, todo eu sou qualquer força que me abandona, toda realidade olha para mim como um girassol, com a cara dela no meio".

Fim da Transcrição 00:57:14.03